

# Quinhentos especialistas de vários países debatem no Lago Norte os meios de melhorar a reabilitação de portadores de lesões cerebrais

Marcelo Ferreira/CB



CONGRESSO ORGANIZADO PELA REDE SARAH TROUXE CIENTISTAS DE VÁRIOS PAÍSES A BRASÍLIA: BUSCA DE MELHOR QUALIDADE DE VIDA PARA OS PACIENTES

## Sarah reúne cientistas

CAROLINA CARABALLO  
DA EQUIPE DO CORREIO

**M**elhorar a qualidade de vida e a reabilitação de pessoas com lesões cerebrais. Apesar de o I Congresso Internacional de Neurociências e Reabilitação abordar os mais diversos e atuais temas, é para essa preocupação que as palestras estão voltadas. O evento organizado pela Rede Sarah de Hospitais acontece até amanhã no Centro Internacional de Reabilitação do Cérebro, no Lago Norte. Ao todo, 500 estudiosos e 27 representantes de instituições internacionais de pesquisa participam da reunião.

De acordo com a neurocientista do Grupo Sarah Lúcia Willadino Braga, os assuntos debatidos no congresso são inteiramente ligados à prática. "Não fazemos ciência pela ciência. Mas, sim, buscamos caminhos para que o paciente retome uma vida normal", explica. A orientação é dar mais importância ao paciente do que à lesão em si. É, em síntese, avaliar como o problema afetou a vida da pessoa e de seus familiares.

Para o cientista americano Marc Forman, a maneira como o hospital Sarah Kubitschek lida com os pacientes é exemplar. "Aqui, a equipe mostra que o importante não é apenas diagnosticar e tratar o paciente. É preciso avaliar o impacto do problema na pessoa e nos seus familiares", afirma.

### Mudança de vida

Entre os temas apresentados no congresso, a discalculia — dificuldade em lidar com números —, provocada por lesão cerebral, recebe atenção especial. Explica-se o destaque: quando o cérebro de alguém sofre danos, há sempre preocupações em saber se o paciente está falando direito, se está andando bem. Mas existe uma negligência por parte de alguns médicos em procurar saber se a pessoa deixou de interpretar os números corretamente.

Como resultado do descaso está uma completa mudança no estilo de vida do paciente. O cientista alemão Klaus Willmes explica que o dia-a-dia das pessoas está repleto de números. "Precisamos deles para fazer uma ligação telefônica, para digitar a senha do cartão de crédito, para pegar um ônibus, ou até para saber a que distância estamos de nossas casas", enumera.

Assim, quem sofre de discalculia precisa reaprender a ler os números. Como uma criança na escola. "O problema é que o cére-

bro lesionado muitas vezes tem dificuldade para aprender o básico, como o fato de que dois mais dois é igual a quatro", afirma Willmes. A saída é usar pequenos truques de aprendizagem, relacionando os números com outros fatores, como as cores.

Outro importante avanço na ciência, a ser discutido no congresso, é a descoberta da plasticidade neuronal. O fenômeno nada mais é do que a procura que o cérebro faz de novas redes, para suprir as áreas lesionadas. Isso quer dizer que para desenvolver certas atividades que antes utilizavam a área que foi lesionada, o próprio organismo busca uma saída. Respeitando a escolha do organismo, reforça-se o caminho biológico. Isso, segundo os especialistas, facilita a reorganização cerebral.

### Funções cerebrais

Um dos grandes passos nas pesquisas da neurociência, no entanto, corre o risco de não ser debatido no congresso. O cientista americano Donald G. Stein, que

apresenta indicativos positivos no uso de esteróides (*substâncias orgânicas que compõem certos hormônios*) para recuperar as funções cerebrais, não conseguiu chegar a Brasília.

Os estudos de Stein mostram que determinadas quantidades de progesterona (*hormônio feminino*) e metabólitos (*substâncias resultantes de reações químicas do organismo*) podem desenvolver mecanismos antiinflamatórios e acarretar benefícios para as vítimas de acidentes vasculares, conhecidos como derrames cerebrais. Ainda não se sabe se a palestra do estudioso de Atlanta será transferida para o último dia ou se será cancelada.

Hoje, o dia será dedicado à reabilitação pediátrica. Entre os assuntos abordados, estarão os paradoxos na avaliação e reabilitação neuropsicológicas de crianças com traumatismo cranioencefálico, e as interações entre desenvolvimento motor e cognitivo em crianças normais e em crianças com lesão cerebral.

Amanhã, as palestras tratarão da mente, da reabilitação, e dos resultados conseguidos com os tratamentos. Um dos debates será sobre a realidade virtual e a recuperação após lesão cerebral. Segundo o diretor da Rede Sarah, Aloysio Campos da Paz, todos os temas apresentados no congresso são importantes. "Juntos, eles dão uma visão global da neurociência. E mostram que o ser humano é mais importante do que a lesão que apresenta", conclui.

“NÃO FAZEMOS CIÊNCIA PELA CIÊNCIA. MAS, SIM, BUSCAMOS CAMINHOS PARA QUE O PACIENTE RETOME UMA VIDA NORMAL”

Lúcia Willadino Braga,  
neurocientista